

PELA JOEIRA

Máximo Górkí

O ilustre escritor foi dado como morto, depois como ressuscitado, e como prisioneiro dos bolxeviques. Depois silêncio geral, profundo, prolongado... Hum!...

Ora agora lemos num jornal socialista espanhol, *Nuestra Palabra*, número de 21 de Setembro, a seguinte notícia:

«Segundo um telegrama de Petrogrado, Máximo Górkí foi encarregado de dirigir as publicações no Commissariado de Instrução pública.

«Górkí declara que o atentado contra Lénine o decidiu a aceitar a colaboração com os bolxeviques, collocando-se à testa daquele serviço.»

Segundo esta versão, Górkí recebe, pois, dos bolxeviques uma missão de alta confiança e reconcilia-se com eles.

E, sendo assim, mais grandiosas nos aparecem as patranhas que a seu respeito se fizeram correr.

Eram da colecção da insurreição anti-bolxevista de Petrogrado — todo a arder e cheio de barricadas; e da contra-revolução triunfante em todos os campos e centros da Rússia; e da miséria imposta a todo o povo pelos revolucionários; e da aliança germano-bolxevike; e dos «documentos autênticos» fedendo a policia a mil léguas à roda, até pela grosseira ignorância do socialismo manifestada nos seus dizeres, etc., etc.

A imprensa abuse da simplicidade e ignorância dos seus leitores com um desplante assombroso. O nosso «sectarismo» é que nos preserva de grammar tudo o que ela impinge contra a revolução russa...

As colónias comunistas

A propósito dum artigo em que se aconselhava com entusiasmo a funda-

ção de colónias comunistas, escrevemos nós no número passado um *suelto*, que não visava a discutir o fundo da questão, mas apenas a fazer notar a impropriedade dos termos «comunas» e «comunistas» applicados a êsses ensaios e aos seus praticantes, visto na terminologia social terem já um sentido consagrado muito diverso.

Pois o camarada Gonçalves Correia, no *Rebelle*, comenta longamente o nosso reparo, convidando-nos com galhardia a debater oom êle o assunto.

Agrada-nos essa disposição de espirito, indício duma convicção sincera, e teríamos muito gôsto em corresponder ao convite; mas somos obrigados a repartir o nosso escassissimo tempo pelas questões que neste momento mais nos interessam e mais urgentes nos parecem — e a das colónias comunistas não está para nós nesse caso.

Já esteve... Foi quando o autor destas linhas, há-de haver cêrca de três lustros, — recrutado (como professor, sobretudo) para uma colónia comunista a fundar na Sardenha, primeiro pensamento, no Uruguai, segundo, e por fim no Brasil, não longe de Sam-Paulo, — coligiu uma abundante documentação sôbre os ensaios passados e em curso (ai! hoje todos passados...) servindo-se de parte dela numa série de artigos publicados num diário socialista italiano. Nem os fundadores dêste ensaio nem quem estas linhas escreve attribuiam, aliás, às colónias comunistas o valor de emancipação social que nelas vê o camarada Gonçalves Correia, nem nutriam a respeito das mesmas a fé, as crenças, as ilusões que o animam.

De todos êsses documentos e artigos pouco resta; tudo foi disperso ao vento das migrações e mudanças. Dos poucos documentos que nos ficaram, dois

ou três ofereceremos aos nossos leitores: é «obra feita» e é, ao lado destas poucas linhas, um modo de prestar homenagem à sinceridade dum camarada, a quem seria injusto responder com o silêncio.

Para terminar: classificar as colónias comunistas entre as cooperativas não é caluniá-las. A repartição dos lucros não é essencial nas cooperativas. Leia-se o bem conhecido livro de Daudet-Bancel e o seu relatório ao congresso anarquista de 1900. Também êle atribuía às cooperativas o poder de organizar a sociedade comunista desde a presente. Mas... não nos deixemos arrastar. Veremos no próximo número.

Sobrevivente duma Colónia

A interessante *Crónica Subversiva*, do nosso amigo e camarada Astrojildo Pereira, traz-nos a triste notícia do falecimento, em S. Paulo, do velho militante anarquista Francisco Gattai.

Quando, em 1890, o dr. Giovanni Rossi foi fundar no Brasil, em Palmeira, Estado do Paraná, a famosa «Colónia Cecília», Gattai fazia parte do grupo de colonos comunistas.

A empresa veio depois a fracassar, como tem sucedido a tódas as que conhecemos neste género, e daquela vez sobretudo por causa do problema sexual. Lamentamos não ter conservado o notável relatório de Rossi sobre a sua tentativa.

Morta a colónia comunista, alguns dos colonos arrefeceram no seu anarquismo e foram tratar da vida. Gattai, porém, foi dos que se mantiveram firmes, trabalhando pelo seu ideal até à morte.

Madurezas

Entrevistado o fundador oficial, desta beleza republicana em que vivemos, o sr. Machado Santos, declarou que «urgia promulgar o Código do Trabalho de maneira a interessar o operariado na vida política comum, desviando-o do sindicalismo revolucionário».

Como o fundador se esquece dos tempos em que se fez revolucionário e procurava captar sindicalistas para as suas hostes! Julgará possível que o operariado se esqueça facilmente de

todos os favores de que é devedor a todos os grupelhos da política, ou desta espere a sua emancipação e o seu bem estar?

Os correios democráticos e... aliados

Em 25-7-912, registámos sob os n.ºs 1305-6 e 7, na Estação Central dos Correios, de Lisboa, três pacotes de livros sujeitos à cobrança, na importância de 7\$08, consignados a José Teixeira, de Lucala, Loanda. Como nunca soubemos se foram entregues, reclamámos, em carta registada, para que a Administração dos Correios — era administrador o António Maria da Silva — nos fizesse entregar os livros ou o seu valor e, até hoje, conseguimos... desistir para não perdermos mais, pelo menos, tempo, que também é dinheiro.

Em 12-2-918, registámos sob os n.ºs 9791 e 9792, dois pacotes de livros para J. F. Escobar, de New Bedford, Mass. Reclamando em 13-8-1918, contra a sua não entrega, foi-nos respondido apenas, depois de nos fazerem gastar mais \$15: «o objecto retro mencionado foi apreendido pela censura militar francesa».

A moral da administração democrática equivalente à moral libertadora dos aliados!

Confiemos tudo dos Estados. Se nos espoliam, nos oprimem e muito mais, é para defesa e salvaguarda dos interesses... dos povos.

Açambarcadores

O governo acaba de publicar seis decretos, nada menos, duplicando o preço de todo o serviço de cobranças, vales e registos, como já o tinha feito à franquia para a correspondência. No momento em que todos anceiam o barateamento do tudo quanto encareceu, no momento em que o governo promete guerra aos açambarcadores, este procedimento é excessivamente extraordinário. Tanto quanto êle se vale da circunstância de estar livre de concorrentes... como açambarcador supremo.

O Estado a dar o exemplo!... E não há um raio que nos livre dos açambarcadores.